

# Resumo do Capítulo 1: Acabar com a pobreza global

## Progresso, mas lento e desigual

O Banco Mundial está empenhado em acabar com a pobreza. É fundamental monitorizar a pobreza global para acompanhar o progresso em direção à agenda de desenvolvimento, incluindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e para identificar as áreas que exigem ações políticas adicionais.

Em 2015, estimava-se que 736 milhões de pessoas estavam a viver abaixo da linha internacional de pobreza de US\$1,90, em termos de paridade do poder de compra de 2011. Isso corresponde a uma redução de 1,9 mil milhões desde 1990. Ao longo de um quarto de século, 1,1 mil milhões de pessoas (na rede) escaparam à pobreza e melhoraram o seu padrão de vida. Mas, apesar dos recentes ganhos, o número de pessoas em todo o mundo que vive na pobreza permanece inaceitavelmente alto.

O Banco Mundial estabeleceu uma meta para reduzir o número global de pessoas que vivem em extrema pobreza para menos de 3% até 2030. Nas últimas décadas, foram feitos progressos notáveis, incluindo a consecução da meta do primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milénio de reduzir para metade a taxa de pobreza global de 1990 - seis anos mais cedo. Desde 1990, a parte da população mundial que vive abaixo da linha de pobreza internacional caiu de 35,9% para 10% - uma redução de mais de 70%.

Durante este período de 25 anos, a taxa

de pobreza global caiu ligeiramente mais de 25 pontos percentuais, uma redução média de um ponto percentual por ano. Tendo em conta esta tendência, o mundo está a caminho de alcançar uma meta de pobreza interina de 9% até 2020, definida pelo Banco Mundial para monitorizar o progresso até à meta de 2030. De facto, as previsões para 2018 indicam que essa meta já foi atingida.

Conseguir atingir um nível de pobreza de 3% até 2030, a partir dos 10% em 2015, irá exigir uma redução adicional de sete pontos na pobreza em 15 anos. Isso significa que a taxa de redução da pobreza da última década poderia ter sido reduzida para metade e, mesmo assim, o mundo ainda atingiria a meta.

Apesar desse retrato otimista, existem motivos para preocupação. Existem algumas evidências de que a taxa de redução da pobreza abrandou. Entre 2011 e 2013, a pobreza desceu 2,5 pontos percentuais, mas entre 2013 e 2015, desceu apenas 1,2 pontos percentuais. Embora esta mudança aparente deva ser interpretada com cautela devido aos desafios apresentados pelos dados, é um potencial primeiro sinal de mudança.

## Valores atuais e previsões

A atual estimativa para a pobreza global refere-se a 2015 – estando assim desatualizada 3 anos. Uma das razões é a falta de dados

anuais. As estimativas globais da pobreza baseiam-se em inquéritos aos agregado familiar feitos em 164 países. A maioria dos países faz esses inquéritos em cada três a cinco anos, e demora algum tempo para recolher e analisar esses dados.

Mas, se forem feitas algumas suposições sobre a relação entre crescimento económico e projeções populacionais, é possível “prever agora” qual é a taxa de pobreza global em 2018 e gerar cenários para o que a pobreza global poderá ser em 2030. Essas previsões atuais e para o futuro dependem de suposições para prever a taxa de pobreza em 2030. O relatório analisa vários cenários baseados em taxas de crescimento históricas médias e taxas de crescimento fixas predeterminadas. Todos os cenários assumem que o crescimento é acompanhado de forma igual por todas as pessoas de um país. Portanto, se a desigualdade mudar, o número indicador da pobreza será maior ou menor.

A previsão para 2018 para a pobreza global, que assume que o bem-estar de cada família cresce como uma fração do crescimento do PIB per capita, é de 8,6%. Isso significaria que a meta interina para 2020 foi cumprida.

Embora isso seja um progresso encorajador, a redução da pobreza extrema para menos de 3% até 2030 está em risco. Mesmo que todos os países crescessem ao dobro da sua média histórica, a meta de 3% não seria atingida.

Os cenários mostraram que, para que o mundo atinja a meta de acabar com a pobreza extrema até 2030, os rendimentos dos 40 países mais pobres teriam que crescer 8% ou mais por ano. Isso significa que os rendimentos dos 40 países mais pobres da África Subsaariana teriam que crescer de forma constante a esse ritmo durante 12 anos seguidos (até 2030). Como referência, de 2000-2015, a taxa de crescimento média para 10 anos para a África Subsaariana nunca chegou aos 8 por cento.

As evidências mostram que a meta do Banco Mundial de reduzir a pobreza para 3% até 2030 só será atingida em cenários de crescimento muito otimistas e se a desigualdade na base for enfrentada diretamente e os 40

últimos países atingirem os restantes.

## **Progresso desigual – Um perfil regional da redução da pobreza**

Entre 1990 e 2015, o perfil regional da pobreza mudou de forma significativa. Em 2015, mais de metade dos pobres a nível global viviam na África Subsaariana e mais de 85 por cento dos pobres residiam na África Subsaariana ou no Sul da Ásia. É uma mudança dramática desde 1990, quando mais de metade dos pobres viviam na zona Leste da Ásia e no Pacífico. Com a rápida redução da pobreza na China, a concentração das pessoas pobres a nível global mudou do Leste Asiático nos anos 90 para o Sul da Ásia em 2002, e depois para a África Subsaariana em 2010, onde o número total de pessoas pobres tem aumentado continuamente.

À medida que a pobreza extrema se torna cada vez mais concentrada, um progresso significativo para reduzir a pobreza global só ocorrerá se esse progresso for feito principalmente nos países onde a pobreza é maior.

Dos 164 países que o Banco Mundial monitoriza, mais de metade (84 países) já atingiu níveis de pobreza inferiores a 3% em 2015. Atualmente, há menos países com grandes populações de pessoas pobres e o número de países em que ocorreu uma redução significativa no número de pessoas pobres está a diminuir. Dos 27 países mais pobres do mundo (aqueles com as maiores taxas de pobreza), 26 estão na África Subsaariana.

Embora a pobreza seja comparativamente menor no Médio Oriente e Norte de África, a parcela da população em extrema pobreza aumentou de 2,6% em 2013 para 5% em 2015 e o número de pessoas pobres cresceu de 9,5 milhões em 2013 para 18,7 milhões em 2015. A principal causa desses aumentos foi o conflito na Síria e no Iémen, uma recordação de que vitórias passadas não podem ser tomadas como garantidas. A fragilidade e o conflito podem afetar as populações vulneráveis, levando a um aumento na pobreza.

Ao longo do tempo, muitos dos países com altos índices de pobreza, incluindo a Índia, Nigéria, Bangladesh, Indonésia e Quênia, têm aumentado as suas economias de modo a saírem do estatuto de país com baixos rendimentos, sendo agora países com rendimentos médios. Com esse crescimento, a maior parte da população mundial (cerca de 5,5 mil milhões de pessoas) e a maioria das pessoas extremamente pobres (mais de 400 milhões) está agora em países com rendimentos médios. Isso é promissor para a redução da pobreza se mais pessoas puderem beneficiar do crescimento económico.

Metade das pessoas que vivem em extrema pobreza vivem em apenas cinco países: Índia, Bangladesh, Nigéria, Etiópia e República Democrática do Congo. A Índia, com mais de 170 milhões de pessoas pobres em 2015, tem o maior número de pessoas pobres - quase um quarto da pobreza global. No entanto, isto mudará provavelmente no futuro próximo, se já não tiver acontecido. Tendo em mente que os valores para o consumo em 2015 na Índia e na Nigéria têm como base projeções, e não números obtidos diretamente de inquéritos aos agregados familiares, a previsão para de 2018 sugere que a Nigéria já superou a Índia como o país com o maior número de pessoas pobres.

## **Decomposição – África e países frágeis e afetados por conflitos**

Em 2002, a África Subsaariana abrigava apenas um quarto das populações pobres de todo o mundo, mas em 2015 viviam mais pessoas pobres na região (407 milhões) do que no resto de todos os outros países do mundo combinados. Um fator que contribuiu para este aumento foi a estrutura demográfica dos agregados familiares. Em muitas partes do mundo, as pessoas pobres vivem em agregados familiares numerosos com mais membros economicamente dependentes por cada adulto em idade de trabalhar. No resto do mundo, esta taxa está em declínio,

mas manteve-se relativamente constante na África Subsaariana. Além disso, a redução da taxa de mortalidade dos menores de 5 anos combina-se com uma queda relativamente pequena nas taxas de fertilidade para manter a população de África a crescer a um ritmo mais rápido do que no resto do mundo.

À medida que a taxa global de pobreza decresce, há provas que sugerem que a pobreza extrema provavelmente ficará cada vez mais associada à fragilidade institucional e aos conflitos, e a maioria (54%) daqueles que vivem em contextos frágeis e de conflito (FCS) em 2015, vivem na África do Subsaariana. Em 2015, a taxa de pobreza em 35 países do FCS foi de 35,9 por cento, superior ao mínimo de 34,4 por cento em 2011. A taxa de pobreza global nos países do FCS tem crescido constantemente desde 2010. Em 2015, 23 por cento de todas as pessoas pobres viviam nos países frágeis e em conflito (FCS).

Em geral, há uma correlação negativa entre as taxas de pobreza e a força das instituições. Os países com uma alta percentagem de pessoas pobres têm menos acesso a serviços financeiros, têm clima para negócios mais fraco, um estado de direito mais fraco e mais corrupção.

## **Perfil socioeconómico e demográfico da pobreza global**

Para elaborar uma estratégia adequada para a redução da pobreza, não é suficiente saber quantas pessoas são pobres, é fundamental saber onde vivem as pessoas pobres, em que condições vivem e como ganham a vida.

Globalmente, a pobreza extrema é desproporcionalmente rural. Aproximadamente 55 por cento da população mundial e mais do que três quartos do total de pessoas pobres vive em áreas rurais.

As pessoas pobres não têm uma educação formal. Dos adultos sem educação, quase um quarto deles vive na pobreza. A taxa de pobreza é reduzida para metade para os adultos com alguma educação primária e a pobreza está praticamente ausente entre os adultos com

algum nível de educação superior.

O estado atual dos dados limita a capacidade de compreender a pobreza por gênero, porque os inquéritos aos agregados familiares medem o consumo total das famílias e assumem uma distribuição igualitária entre os membros de uma família.

A taxa de fertilidade é habitualmente mais elevada entre as pessoas pobres. Existem em média 7,9 membros e 3,5 crianças com menos de 14 anos nos agregados familiares pobres. Mais de um quinto das crianças com menos de 14 anos vive na pobreza e as crianças que crescem na pobreza adquirem menos capital humano devido à escolaridade inadequada ou de baixa qualidade e à desnutrição, tornando a pobreza infantil especialmente perniciosa porque perpetua a pobreza intergeracional.

As pessoas pobres têm outras carências para além dos rendimentos. A pobreza também se materializa na baixa escolaridade, saúde precária e resultados nutricionais, exposição à insegurança física e riscos naturais e condições de vida abaixo do padrão. As pessoas pobres também são mal servidas pelos serviços essenciais, como a melhoria da água potável, instalações de saneamento e eletricidade, e tudo isso pode prejudicar a produtividade do trabalho das pessoas pobres, ficando presas na pobreza de rendimento.

### **Mais alto e mais além – Partilhar os benefícios da redução da pobreza e do desenvolvimento económico**

Embora o mundo tenha feito grandes progressos na redução da pobreza entre 1990 e 2015 - com um ponto percentual por ano, a taxa de redução da pobreza deverá diminuir para menos de meio ponto percentual por ano entre 2015 e 2030. Uma explicação chave é que nem todas as regiões partilharam o crescimento económico global do último quarto de século e nem todas as regiões conseguiram garantir que os pobres partilhassem plenamente os benefícios do crescimento económico.

A desigualdade do progresso em direção ao objetivo de um mundo livre de pobreza faz sobressair as fraquezas de como a pobreza global é medida. É a altura de ir acima e mais além do que apenas o essencial de reduzir a taxa média de pobreza global para 3% e garantir que todos partilhem os benefícios do desenvolvimento.

O primeiro passo foi fazer a monitorização da prosperidade partilhada para todos os países. Este relatório vai ainda mais longe para construir uma imagem mais completa do que significa viver num mundo livre de pobreza, no qual todos prosperem.

### **Conclusão**

Embora tenha existido um progresso constante, a análise mostra claramente que a luta para acabar com a pobreza, medida pela meta de 3%, será vencida ou perdida na África Subsaariana. Acabar com a pobreza extrema em países de baixos rendimentos e que estão frágeis e afetados por conflitos exigirá um elevado nível de crescimento combinado com um nível de crescimento ainda mais elevado nos 40 últimos países.

No entanto, a grande maioria dos pobres vive em países com rendimentos médios, em que a medida da pobreza extrema fornece apenas uma imagem parcial da privação que existe.

Para acabar com a pobreza nesses países em especial, temos que começar a preencher as peças do quebra-cabeças através de mais indicadores que retratem a privação em múltiplas dimensões e em níveis de consumo consistentes com as necessidades básicas dos países com rendimentos médios.

À medida que a noção do que significa ser pobre é expandida, é possível lutar por um mundo em que os benefícios da redução da pobreza atinjam todas as regiões do mundo, em todos os países das regiões, em todos os agregados familiares dos países e todas as pessoas desses agregados familiares. Também reconhece que a pobreza se estende para lá do consumo, para outros elementos críticos do bem-estar, e que é necessária uma melhor compreensão dessas peças do quebra-cabeças.